BNLAB

CUIDADOS DIGITAIS E BEM VIVER SOB A ÓTICA DAS BLOGUEIRAS NEGRAS

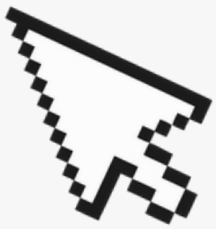
CARTILHA

#BNLab - Nanet: Cuidados Digitais sob a ótica das Blogueiras Negras

APRESENTACAO

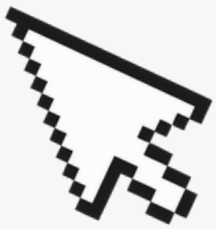
As Blogueiras Negras, que tem como missão inspirar e fortalecer as histórias e os legados das mulheres negras, iniciaram em 2022 o projeto **#BNLab - Laboratório Criativo de Narrativas sobre Tecnologias Digitais** com apoio do **Malala Fund** e parceria entre **Grupo de Mulheres Mãe Andresa, Coletivo Sargento Perifa** e outras especialistas em comunicação, jornalismo, arte e tecnologia.

Como um sonho que se realiza, o #BNLab foi pensado por muitas mulheres negras coordenadoras, fundadoras e estudiosas em Blogueiras Negras com o objetivo de criar consciência e fomentar nas meninas e jovens negras o desejo de trilhar os caminhos das tecnologias digitais, transformando suas vidas e realidades a partir do feminismo negro e seus valores éticos e civilizatórios.



Depois de termos formado cerca de 100 meninas e jovens negras em Recife, eis que oportunamente as Blogueiras Negras retomam projeto com o apoio da **Abong, Ação Educativa** e **Ibase**, financiados pela **União Europeia**, desta vez realizando o projeto no Cabo de Santo Agostinho, Região Metropolitana do Recife. Em parceria com o **Centro das Mulheres do Cabo**, o projeto intitulado #BNLab - Nanet: Cuidados Digitais sob a ótica das Blogueiras Negras tem como foco principal estimular trocas e aprenndizados sobre tecnologiais digitais, combate a violencia contra meninas e jovens negras e negros, utilizando os cuidados digitais como conceito chave.

Para nós, os Cuidados Digitais se encontram na perspectiva do que foi conceituado por nossa fundadora, Larissa Santiago no ebook feito para o FOPIR (Fórum de Igualdade Racial) intitulada **‘Mapeamento da Mídia Negra no Brasil’**, com texto Tecnologia Antirracista: A resposta das mulheres negras, em que reproduzimos:



“Os Cuidados Digitais nada mais são do que mudanças de ordem filosófica e práticas em relação ao uso de tecnologias e ferramentas da informação e comunicação.”

Desse modo, compartilhar com o território do Cabo de Santo Agostinho, suas meninas e jovens negras orientadas pelo Centro das Mulheres do Cabo, será uma nova descoberta e aprendizagem, numa troca participativa sobre como as tecnologias digitais e sociais podem apresentar novas perspectivas de vida e bem viver. Nesse sentido, essa cartilha procura juntar aqui alguns conceitos e exercícios que serão compartilhados e aprimorados nessa edição do #BNLab.

Boa leitura!



CUIDADOS DIGITAIS SOB A ÓTICA DAS BLOGUEIRAS NEGRAS

Em 2020, as Blogueiras Negras com suas coordenadoras e fundadoras elaboraram o projeto **#BNLab - Laboratório Criativo de Narrativas sobre Tecnologias Digitais**, partindo do antigo sonho de compartilhar e formar meninas e jovens negras para os aprendizados em tecnologias digitais e suas ferramentas. A ideia sempre foi ter blogueirinhas negras, numa perspectiva de criar consciência nas nossas meninas e jovens para um uso insubmisso das tecnologias, como afirma Charô Nunes.



É partindo dessa afirmação, que as Blogueiras Negras tem aprendido ao longo dos seus **14 anos** com mulheres negras idosas, com psicólogas, comunidades quilombolas e de terreiro, com jovensperiféricas, mulheres e periféricas, mulheres e homens de comunidades rurais e um sem número de ativistas, militantes e especialistas em tecnologia que o universo das tecnologias digitais precisa ser contaminado pelos fazeres ancestrais e pelas tecnologias sociais criadas nas bordas do mundo.

A nossa ótica aproxima o que a intelectual estadunidense Marsha T. Winn chamou de **Inteligência Ancestral (IA)** das práticas das nossas comunidades e territórios. A Tecnologia Ancestral que conhecemos é exatamente a que descreve a teórica: recuperar os conhecimentos acumulados pelas comunidades que mesmo em contextos de escassez e conflito, precisam continuar imaginando futuros. Ou seja, nossas rodas de conversa, nossas tradições juninas e histórias em torno da fogueira e como usamos as tecnologias para potencializar e subverter a lógica do lucro e da venda.



Para nós, o Cuidado Digital passa por esses pontos, pelas invenções e também pela prevenção das violências dentro e fora dos dispositivos tecnológicos, do exercício diário de repensar nossa imersão nas ferramentas de redes sociais e no uso propositivo e criativo das mesmas. Convidamos você a refletir um pouco a partir dos conceitos chave abaixo, além de apresentar alguns exercícios experimentados ao longo do #BNLab para que você também possa aplicar em oficinas, rodas de conversas e outros espaços coletivos.

CUIDADOS DIGITAIS SOB A ÓTICA DAS BLOGUEIRAS NEGRAS

Compreendido como uma alternativa à noção tradicional de **“higiene digital”**, o bem-viver digital propõe uma presença online sustentável, que prioriza a saúde mental, o autocuidado e o descanso como práticas políticas, especialmente para meninas, jovens e negras expostas cotidianamente à violência digital.

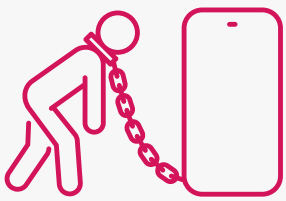
Longe de ser uma ideia hipster e tilelê, o Bem Viver Digita propõe um exercício diário de deslogar. Nós brasileiros temos um tempo médio de uso internet de em torno de 9 horas, segundo pesquisa de uma empresa chamada Consumer Pulse, tempo em que superamos a média global de conexão, isso significa dizer que das 24h que temos, sobram apenas 16h horas - e se consideramos os tempos de aula pra quem estuda, de trabalho para quem trabalha (8h por dia), sobraria então um pouco menos de 8h para outras atividades como lazer, descanso, comer, etc.



Com a criação dos smartphones em 2007/2008 e neles embutidos as aplicações (google e seus produtos, jogos, bancos, aplicativos de tv), nós nos habituamos e ficar indefinidamente dentro das ferramentas digitais, quando antes era comum usar os logins - acessos por meio de usuário e senha para “entrar” em emails, redes sociais, blogs, e outras aplicações.

Por isso, o hábito de deslogar hoje ganhou outro significado, que é de fato experimentar sair da internet, das ferramentas de redes sociais e ainda abandonar um poucos celulares e dispositivos móveis a fim de diminuir os efeitos colaterais já comprovados provocados por essas ferramentas.

O Bem Viver Digital propõe esse olhar, além da preocupação com a natureza e a extração de bens naturais para a produção tecnológica. Como sabemos, celulares, computadores, televisores, drones todos precisam de cobalto, cobre, ouro e outros metais e minerais para serem produzidos. Esses materiais são todos extraídos da natureza. Construir um datacenter requer desmatamento, utilização de litros e mais litros de água. De modo que pensar Bem Viver Digital é também se preocupar e agir a partir desta relação, **reivindicando que as inovações levem em consideração a preservação do meio ambiente e da vida que dele depende.**



SOBERANIA E DIREITOS DIGITAIS

Esse conceito aborda a internet como um espaço regulado por leis, políticas públicas e interesses econômicos. O conceito envolve a compreensão da governança da internet, da regulação e dos marcos legais brasileiros, como o **Marco Civil da Internet e a LGPD**, analisando seus impactos sobre populações negras e outros grupos vulnerabilizados.

Tratar de Soberania Digital é fazer referência a um movimento coletivo iniciado nos anos 2000 e elaborado teoricamente por intelectuais como Mariana Mazzucato, Sérgio Amadeu, dentre outros. A reivindicação por autonomia tecnologia, ou seja, pela possibilidade de um país, um grupo político ou uma comunidade de produzir e ter propriedade sobre seus próprios aparatos e dados, além de um enfrentamento aos monopólios das empresas de tecnologia e seus modelos de extração de dados, tudo isso faz parte do que conhecemos por Soberania Digital. Empresas de dados nacionais como Serpro, Dataprev, Prodam, tecnologias próprias a construção de softwares como o Brasil Participativo, como o projeto Vedetas, a TybyRIA, QuiterIA, VanIA são exemplos de possibilidades para a consolidação do debate em torno da Soberania Digital, que envolve mais do que casos isolados, mas sobretudo o fomento por parte do Estado de infraestrutura e políticas públicas nacionais.

E o conjunto das políticas, das leis e de um conglomerado de iniciativas que regulam e monitoram o uso das tecnologias, sobretudo da internet, é o que define o que entendemos como **Direitos Digitais**. Alguns princípios regem esses direitos, levando em consideração a participação da sociedade no uso e acesso a internet, como por exemplo: proteção de dados e privacidade, crimes cibernéticos, direitos da personalidade e conteúdo. O **Comitê Gestor da Internet**, órgão colegiado que existe para recomendar, fiscalizar e promover um uso e desenvolvimento adequado da internet e suas aplicações, é um dos mecanismos que nos ajuda a entender que a internet não é uma terra sem lei, pelo contrário.

O Marco Civil da Internet, a Lei Geral de Proteção de Dados, são alguns dos exemplos de que existem legislações, limites e punições relacionadas à vida online.

É claro que o exercício desses direitos é garantido de maneira relativa, a depender de onde o indivíduo se encontra. Apesar das mulheres negras serem as que são mais acometidas pela violência no ambiente digital, não são os seus casos que ganham destaque, nem mesmo são acolhidos nas delegacias de crimes cibernéticos ou considerados pelas plataformas de rede social para a construção de suas políticas de privacidade e uso. E é sobre essa diferenciação e relativização que trataremos nos nossos conservatórios do #BNLab - Nanet.

CIBERATIVISMO TERRITORIALIZADO

Para as Blogueiras Negras, se trata do uso estratégico das plataformas digitais como extensão das lutas por direitos humanos nos territórios, nesse caso especificamente em Pernambuco. O conceito enfatiza práticas de denúncia, mobilização e criação de redes de proteção que conectam o ambiente online e offline.

Um conceito recorrentemente disputado, o ciberativismo data dos anos 80 com as primeiras e primeiros entusiastas da internet, mobilizados nos grupos de software livre e outros movimentos. Sua expressão e prática ligada aos movimentos sociais ganhou destaque com as ações do **Movimento Zapatista** e os protestos no **Fórum Social Mundial em Seatle (EUA)** já na década de 90. Com sua origem dentro da rede e a partir das organizações de movimento social, o ciberativismo chegou a ser criticado por um tempo, com seus detratores alegando ser um ativismo em que as pessoas não saem de frente da tela, ou ainda, acusados de ser ativismo de sofá.



As Blogueiras Feministas, Blogueiras Negras, O Transfeminismo, as Preta & Acadêmica, Site Mundo Negro, Feminismos Plurais, AzMina, Marcha do Orgulho Crespo, Mídia Ninja, dentre outros sao exemplos de coletivos e orrganizacoes que originalmente inciaram suas atividades através das praticas do ciberativismo. Pensar num processo territorializado, passa pelas reflexões sobre ativismo e militância, seus princípios e objetivos, além da discussão sobre o universo dos influencers, cooptação da publicidade e do capitalismo abocanhando as intenções e transformações no digital.

Para tal, compararemos perfis individuais e coletivos, relembrando a criação da **Rede de Ciberativistas Negras em 2017 pela Organização de Mulheres Negras Criola** e o trabalho discursivo e prático sobre a manutenção de espaços como BN e outras organizações.



CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA E ALGORITMOS

Analisar criticamente a atuação das Big Techs, a coleta massiva de dados e a venda de perfis comportamentais, destacando seus impactos sobre populações vulneráveis será a nossa intenção no #BNLab.

Conforme entendemos, o Capitalismo de Vigilância como um sistema consolidado tendo sido exercido sobre corpos negros desde a escravidão - conforme nos apresenta **Simone Bronwnie em seu livro Dark Matters: On the Surveillance of Blackness Sousveilance (Materia Escura: Vigilância e contra vigilância negra)** - aprimorado pelas tecnologias digitais, é o eixo central dos momentos de conversatório no Cabo.

Criticamente, trocaremos sobre como funciona hoje a internet que conhecemos, o que são e quem comandam as Big Techs e como elas tem avançado na criação de sistemas algorítmicos, inteligência artificial, domínio e extração de dados. A partir do conceito de Tarcízio Silva, o tão debatido **Racismo Algoritmico**, falaremos sobre como meninas, jovens negras e negros estão suscetíveis a violências justamente pelo fato de a tecnoologia ser pensada, por design, para discriminação.

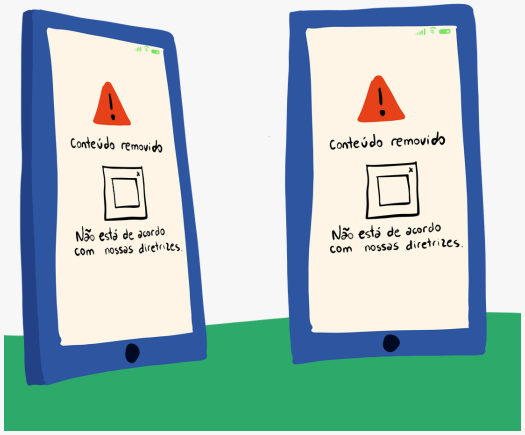
O mercado de apostas **(bets)** e sua proliferação por influencers e como esse tipo de jogo tem atingido de maneira negativa trabalhadores, donas de casa e outros públicos também terá destaque na discussão sobre a internet e seus mecanismos. Campanhas como

#BlockNoTigrinho

e outros movimentos de conscientização são importantes mecanismos para rever comportamentos, hábitos e promover uma crítica firme as empresas que ganham dinheiro enganando as pessoas.



CUIDADO COLETIVO E CIBERSEGURANÇA:



Por fim e transversalmente trattato em todos os conversatorios, as Blogueiras Negras entendem a segurança digital não apenas como uma prática individual, ou ainda, numa perspectiva militarizada relacionada à defesa-ataque, mas como uma **estratégia coletiva de proteção comunitária**, baseada na criação de redes de confiança, com resposta coordenada a ataques, denúncia em canais oficiais e seguros, como o Safernet e o cuidado do armazenamento e compartilhamento seguro de informações e dados pessoais e coletivos.

Nessa perspectiva, tratamos cibersegurança a partir da prevenção e dos cuidados digitais, com dicas e trocas sobre senhas seguras, backups, deslogamentos, e reflexos constantes sobre mudanças de hábitos, entendendo que o cuidado integral é composto por um pensamento holístico sobre cuidados físicos, psicossociais, espirituais e digitais.

CONCLUSÃO

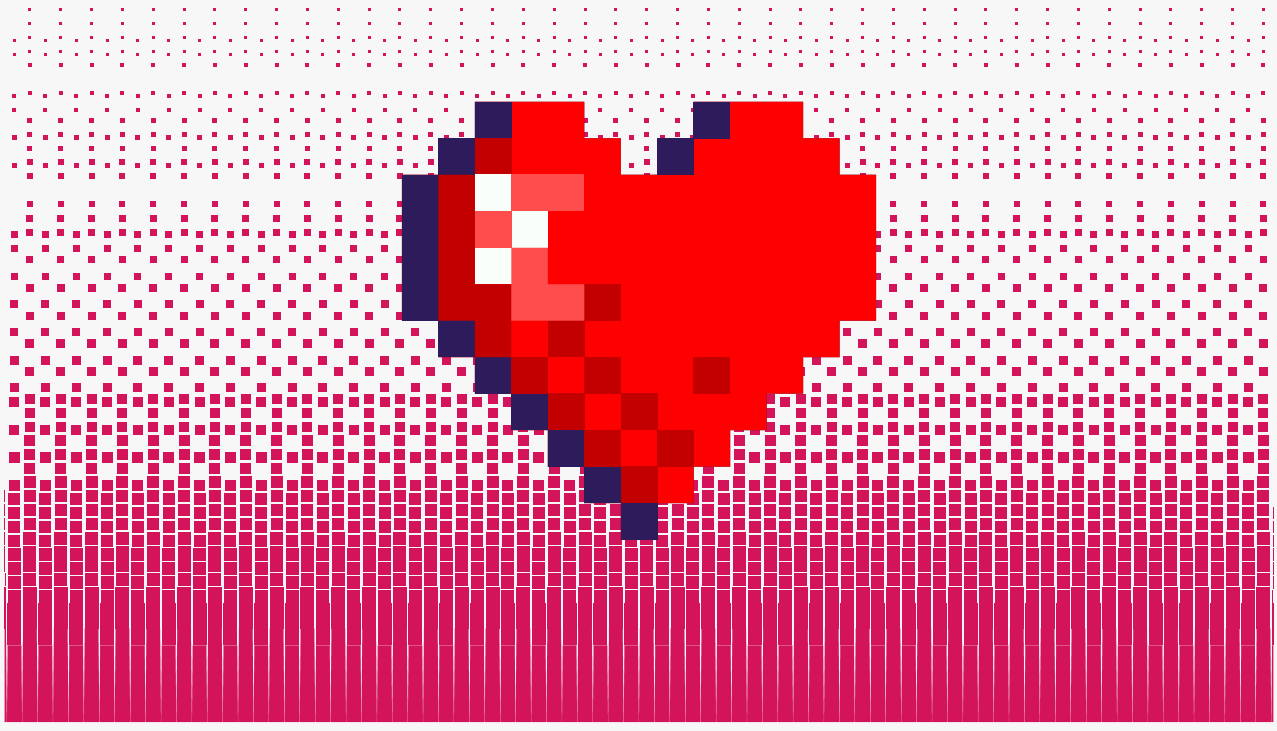
Ao longo desta cartilha, buscamos partilhar reflexões, conceitos e práticas que nos ajudem a compreender que a presença no mundo digital não é neutra, nem individual, nem descolada das violências e desigualdades que marcam a vida fora das telas. Para meninas e jovens negras, falar de tecnologia é também falar de proteção, autonomia, território, memória, justiça e futuro.

Sob a ótica das Blogueiras Negras, os Cuidados Digitais nos convidam a transformar nossa relação com as tecnologias a partir de princípios éticos, ancestrais e coletivos. Isso significa reconhecer os riscos presentes nas redes, nos algoritmos, na vigilância e na exploração de dados, mas também afirmar nossa capacidade de criar, imaginar, comunicar, denunciar e construir outros caminhos possíveis no ambiente digital.



O bem-viver digital, a soberania e os direitos digitais, o ciberativismo territorializado, a crítica ao capitalismo de vigilância e o fortalecimento do cuidado coletivo e da cibersegurança são partes de um mesmo compromisso: fazer da tecnologia uma ferramenta a serviço da vida, e não da opressão. **Mais do que aprender a usar plataformas e dispositivos, trata-se de disputar sentidos, proteger corpos e comunidades, e fortalecer a presença negra nas invenções do presente e do futuro**.

Que esta cartilha seja uma semente de reflexão, troca e ação. Que ela fortaleça meninas e jovens negras a ocuparem o digital com consciência, criatividade, coragem e cuidado. E que, a partir dos nossos territórios, saberes e afetos, possamos seguir construindo tecnologias antirracistas, feministas e comprometidas com o bem viver.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil (Marco Civil da Internet). Brasília, DF: Presidência da República, 2014.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Brasília, DF: Presidência da República, 2018.

BROWNE, Simone. Dark Matters: On the Surveillance of Blackness. Durham: Duke University Press, 2015.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). Princípios para a Governança e Uso da Internet no Brasil. São Paulo: CGI.br.

CONSUMER PULSE. Pesquisa sobre tempo médio de uso da internet. CNN. Acessado em 26 de junho de 2026. Link: https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/mais-de-9h-online-por-dia-hiperconexao-preocupa-brasileiros-diz-estudo/

MAZZUCATO, Mariana. O Estado Empreendedor: desmascarando o mito do setor público versus setor privado. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2014.

SaferNet Brasil. Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos. Disponível em: https://new.safernet.org.br. Acesso em: 11 maio 2026.

SANTIAGO, Larissa. Tecnologia Antirracista: a resposta das mulheres negras. In: FÓRUM PERMANENTE PELA IGUALDADE RACIAL (FOPIR). Mapeamento da Mídia Negra no Brasil. (Salvador: FOPIR, 2020.)

SILVA, Tarcízio. Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.